

FLEURI, Reinaldo M. O Educador e a Escola: Como viabilizar a opção pelos pobres? **Revista da Associação de Educação Cristã**. São Paulo, n. 50, p. 36-39, 1983.

O EDUCADOR E A ESCOLA: COMO VIABILIZAR A OPÇÃO PELOS POBRES?

PROF. REINALDO MATIAS FLEURI

Os relatórios dos trabalhos de grupos da 1.ª manhã deste congresso (dia 18/07) mostram vários obstáculos que se colocam ao educador cristão que quer realizar sua opção pelos pobres na escola. Vamos refletir um pouco sobre estes obstáculos e levantar algumas possibilidades de superá-los.

1. REINVENTAR A ESCOLA

Muitos educadores disseram aqui, que "para optar pelos pobres é preciso reinventar a escola". De fato, o nosso sistema escolar, como um todo, está orientado para atender às necessidades de uma minoria rica e para manter uma estrutura social profundamente injusta.

Vivemos numa sociedade em que os bens de produção (a terra, as fábricas, as empresas...) são propriedades de alguns. E estes alguns acumulam riqueza porque exploram o trabalho da maioria. Para manter este sistema de exploração, a classe rica procura controlar o Estado, assim como as várias organizações (os meios de comunicação social, o sistema escolar, os sindicatos, as associações de bairro, os partidos políticos) e, através delas, impedir a conscientização e organização popular.

Neste contexto impõe-se à escola o papel predominante de, por um lado, "fazer a cabeça"

das pessoas, no sentido de se tornarem passivas e alienadas e, por outro lado, preparar a mão-de-obra adequada para o sistema capitalista: uns para administrar os interesses dos patrões e outros para fazer o trabalho mais duro e rotineiro; uns para mandar e outros para obedecer — como dizia a Ana (Curitiba) na 1.ª manhã.

Deste modo, a escola só poderá viabilizar "a opção pelos pobres" na medida em que se "subverter" — no dizer do Pe. Charbonneau — ou na medida em que se reinventar a escola.

Como fazer isso?

1.1. Amadurecer nossa opção pelos pobres

Os relatórios de grupos mostram a necessidade de se amadurecer a "opção pelos pobres". Estes relatórios dizem que "nem todas as diretorias de escolas católicas fizeram efetivamente a opção pelos pobres", que "a escola tem medo de entrar em choque com a mentalidade dos pais de classe média e alta", que "os professores nem sempre fizeram a opção pelos pobres e não vão além de belos discursos"... E esta resistência em assumir a opção pelos pobres, acredito eu, se deve sobretudo ao fato — também mencionado nos relatórios — de que "a escola particular atual depende das classes média

e alta que são sua clientela". Optar por servir aos pobres pode implicar, em última instância, perder a clientela atual que sustenta a escola particular e, com isso, perder sua riqueza e seu poder.

Esta é uma questão séria que todos nós devemos enfrentar com coragem, porque neste momento histórico, Deus (que assumiu toda a realidade dos homens, principalmente a da imensa maioria de pobres e oprimidos) nos diz, através de mil sinais dos tempos: "Vem e segue-me". Muitas vezes, porém, a reação de educadores e escolas ricas pode ser a mesma do jovem rico, que se recusou a atender o chamado porque tinha muitos bens a perder. Neste caso seria bom nos lembrar da promessa que Jesus fez aos que deixam tudo para segui-lo e servi-lo nos pobres: o cêntuplo, mais a vida eterna.

Um outro aspecto da opção pelos pobres é o próprio entendimento de quem é o pobre. Até agora se entendeu o pobre mais como "indivíduo". Ou num sentido "positivo": o indivíduo que decide levar uma vida sóbria. Ou no sentido "social": o indivíduo carente de recursos para comer, se vestir, morar etc. Mas hoje está-se entendendo que pobre não pode ser considerado apenas como um indivíduo, porque se trata da maior parte de nosso povo. São os desempregados ou trabalhadores rurais e urbanos que são expropriados, explorados e oprimidos pelo sistema econômico e político que concentra toda a riqueza e o poder nas mãos de alguns grupos gananciosos. Pobres, portanto, são este conjunto de pessoas oprimidas pelo mes-

mo sistema social e que não têm outra saída senão a de transformar radicalmente a estrutura social vigente.

Fazer a opção pelos pobres significa, então, assumir de corpo e alma o esforço por transformar a sociedade segundo as necessidades das classes populares, significa reforçar o processo de organização dessas classes que lutam por seus legítimos direitos. A opção pelos pobres traz, portanto, conseqüências muito amplas sobre as quais precisamos refletir profundamente.

1.2. Superar o autoritarismo e a alienação

Um outro obstáculo para se realizar a opção pelos pobres — tal como disseram nos grupos — é "a estrutura autoritária dentro da escola que reproduz os mesmos mecanismos que geram a pobreza". E nos perguntamos: "como a escola pode criticar estes mecanismos autoritários que ela mesma reproduz?" Sentimos, assim, a necessidade de se superar a alienação e o autoritarismo inerentes ao sistema escolar, promovendo uma nova pedagogia para desenvolver a formação da consciência crítica.

Esta pedagogia de formação da consciência crítica implica algumas exigências. A primeira é que se considere o educando como sujeito ativo e criativo. A segunda, que o processo pedagógico esteja centrado nos problemas fundamentais do contexto em que vivemos. A terceira é que todos — educadores e educandos — participem ativamente das decisões sobre a programação,

desenvolvimento e avaliação do processo educativo.⁽¹⁾

Esta pedagogia conscientizadora se torna, hoje, uma necessidade para fazer frente à ação massificadora e alienante dos meios de comunicação social. A este propósito, lembro que a União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC) está desenvolvendo um projeto que pode ajudar os educadores nesta tarefa de estimular a leitura crítica da comunicação (LCC).

1.3. Promover a participação e organização

A Ana (Curitiba - PR) e o Cláudio (Jardim Miriam - SP) disseram o quanto é importante que os alunos tenham voz e vez na tomada de decisões referentes à escola. Esta participação pode ser fomentada não apenas dentro de sala de aula, mas também dando liberdade e apoio às associações estudantis que, na medida em que se organizam e se conscientizam, poderão interferir na estrutura e na administração da escola.

O mesmo se pode dizer em relação aos professores. Nós estaremos contribuindo para a realização da opção pelos pobres, não só na medida em que desenvolvermos um relacionamento pessoal e participativo em sala de aula, mas também na medida em

que deixarmos de lado o medo de perder o próprio "status" ou o próprio emprego e assumirmos, junto com nossos colegas, a luta por nossos direitos e pelos de todas as classes trabalhadoras.

E as escolas, enquanto instituições, para serem coerentes com a opção libertadora, precisam abrir espaços para a participação democrática em todas as instâncias internas. Temos aí o exemplo da PUC de São Paulo, que está assumindo este duro e conflitivo esforço de democratização⁽²⁾. Mas este processo de democratização interna da escola pode crescer na medida em que se articula com os outros setores da sociedade, sobretudo com os movimentos populares.

2. ARTICULAR-SE COM OS MOVIMENTOS POPULARES

Para contribuir com a organização e conscientização das classes populares, não basta que a escola se reestruture "por dentro". Aliás, justamente para que a escola consiga se reestruturar interiormente é preciso que ela se articule com os movimentos populares, ou seja, que crie vínculos orgânicos com os movimentos de moradores, de sindicatos, de comunidade de base etc.

Neste sentido, o educador pode, em primeiro lugar, contribuir para que a escola abra as suas

(1) cf. FREIRE, Paulo, *Pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, 3.ª ed.; COSTA, Beatriz, "Para analisar uma prática de educação popular", in *Cadernos de Educação Popular-1*, Petrópolis, Vozes - NOVA, 1981; FLEURI, R. M., *Consciência Crítica e Universidade* (Tese de mestrado), PUC SP, 1978.

(2) Cf. APROPUC/SP, *Uma experiência democrática: o caso da PUC/SP*, São Paulo, Cortez Editores, 1981; FLEURI, R. M., *O Ciclo Básico da PUCSP -- Uma Proposta Inovadora?*, São Paulo, Loyola, 1982.

portas para o povo pobre. Isto significa não só criar condições para acolher indivíduos carentes em seu quadro de alunos, mas sobretudo abrindo espaço físico e cultural para grupos e movimentos populares desenvolverem suas atividades de conscientização e organização. Lembro aqui o exemplo de nossos irmãos metodistas: a UNIMEP tem aberto seu espaço para o I Seminário Internacional de Educação Popular, a UNE, a associação dos favelados, os sindicatos de metalúrgicos realizarem seus congressos.

Em segundo lugar, o educador que fez sua opção pelo pobre, pode trabalhar para que a escola se coloque a serviço dos pobres, promovendo, por exemplo, atividades e programas que atendam completamente às necessidades de grupos e movimentos populares. Para isso, é importante abrir e ampliar espaço para se desenvolverem atividades conjuntas entre escolas e os grupos populares, criando condições para que estes sejam os principais sujeitos destas ações e participem ativamente em todas as instâncias de decisão. A PUCSP, por exemplo, mantém mais de 30 projetos junto às classes populares. E isto apesar de sua crise econômica crônica.

Em terceiro lugar, o educador pode trabalhar para que sua escola caminhe com o povo, assumindo a vida e os problemas concretos da comunidade em que está inserida. Não é possível realizar um trabalho coerente com as classes populares, se a gente não tiver uma "paixão" pelas pessoas e grupos dessas classes, se a gente não se identificar com suas necessidades e seus interesses objetivos. E esta identificação, este caminhar juntos começa e cresce a partir do contato direto, de pequenas atividades assumidas em conjunto. Trata-se não apenas de bons propósitos, mas, como diziam os jovens do Jardim Miriam, ontem, de começar a agir, junto com os movimentos populares. Acredito que nossas escolas deverão realizar experiência semelhante à da Igreja de Santo André, como a que nos contou Dom Cláudio Hummes.

Tudo o que eu disse não passam de meras indicações de como agir na linha de nossa opção pelos pobres, no contexto da escola. Cabe a cada um de nós, articulando-se com seus companheiros, abrir em cada circunstância concreta novos caminhos na direção de uma sociedade mais justa.